

# DESIGUALDADE DE GÊNERO NA SOCIEDADE GUINEENSE: EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS

Julmira Mendes<sup>1</sup>

Joana Röwer<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo traz análise dos aspectos das desigualdades de gênero entre homens e mulheres e as diferenças entre mulheres e homens no ensino superior na Guiné-Bissau. A educação é muito importante para o ser humano em qualquer situação, seja mulher ou homem. Portanto, nesse artigo são abordadas algumas questões das políticas educacionais na Guiné-Bissau, e a desigualdade de gênero atrelado a ela. O objetivo desta pesquisa é a desigualdade de gênero na relação com as mulheres na educação. É o tipo de questão que envolve um conjunto de pessoas e suas percepções do mundo sociocultural. A metodologia tem como fonte de pesquisa referências bibliográficas e documentais. Com os resultados da pesquisa, percebe-se o quantitativo de alunos do sexo masculino e feminino no decorrer do tempo que são diferentes aos tempos atuais, revelando uma evolução na inclusão do gênero, e também a posição do Estado com relação ao estabelecimento de políticas que visam a igualdade de gênero no ensino educacional em Guiné-Bissau. Contudo, os resultados encontrados durante a pesquisa, nos permite enxergar que apesar da presença de mulheres no ensino guineense esteja aumentando, existe ainda maiores números de estudantes do sexo masculino na relação com estudantes do sexo feminino.

**Palavras-chave:** desigualdade de gênero; Guiné-Bissau; políticas educacionais.

---

<sup>1</sup> Autora. Discente do Curso de Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

<sup>2</sup> Orientadora. Docente do curso de Sociologia – IH/Unilab. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

Data de aprovação e submissão: 04/06/2025.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz análise dos aspectos das desigualdades de gênero entre homens e mulheres e as diferenças entre homens e mulheres no ensino superior, na Guiné-Bissau. É problemático falar das mulheres guineense, pois Guiné-Bissau é um país multiétnico e cada etnia tem a sua forma cultural de compreender e considerar as mulheres. Na maioria das etnias elas são preparadas para o casamento, o que passa a identificar uma forma de aumento de respeito a família.

Na sociedade guineense, em alguns casos, nas décadas passadas, sobretudo nas zonas rurais, desde a infância as mulheres são ensinadas que a escola não é para mulher, o lugar da mulher é na casa para cuidar do marido e os filhos, de modo que numa família, as meninas ganham pouca oportunidade de estudar ou são tiradas da escola para casamento, enquanto os meninos prosseguem seus estudos de acordo com a possibilidade da família.

De acordo com Jaite (2021, p.6)

A Guiné Bissau apresenta dificuldades no processo da escolarização das meninas em diferentes níveis, entre quais: sociais, econômicas, culturais, políticas e ideológicas. E esses impedimentos levam, conseqüentemente, à pouca participação das mulheres na vida política e nas tomadas das decisões no país. Por isso é necessário pensarmos na “Educação para todos na Guiné-Bissau” assim como nas suas regiões, numa perspectiva de equilíbrio entre ambos, bem como a promoção de uma forma de igualdade para meninos e meninas.

Segundo Djata (2023, p.41.) que fez uma análise sobre a sub-representação das mulheres na esfera de tomada de decisões políticas “tem entre suas causas primárias a pressão social imposta pelas normas culturais e tradicionais, sobre a figura feminina, fator que impede a ascensão da maioria na esfera de tomada de decisões públicas e políticas”. A sociedade guineense constrói uma percepção influenciada pelas etnias locais e reforçada pela ideologia patriarcal ocidental, responsabilizando a mulher pelo trabalho do domínio privado e sem remuneração, enquanto o destaque no domínio público, como chefe de família e provedor do lar é reservado aos homens, refletindo violências que se verificam dentro deste espaço.

Essa realidade de certo modo foi vinculada a tradição e cultura de muitos povos que compõem a matriz étnico guineense. Essa situação pode ser entendida como desigualdade ou discriminação de gênero, entre mulheres e homens. Situação presente em todos os espaços ou lugares, de modo que faz as mulheres se sentirem menos importante em qualquer lugar que estejam. De acordo com França e Nascimento (2023), a qual fizeram uma abordagem da diferenciação da questão de gênero que está no centro das discussões sobre equidade social, a

distinção entre “discriminação” e “desigualdade” se coloca como algo essencial dada a necessidade de compreendermos as particularidades que definem esses processos. É a partir dessa compreensão que passamos a reconhecer certos padrões de comportamento e arranjos institucionais que moldam o panorama econômico e o convívio social.

Os mesmos autores falaram das diferenciações do que significa esses dois conceitos e como pode ser percebido nas sociedades. Assim, para França e Nascimento (2023) a discriminação pode ser identificada “quando indivíduos ou grupos são tratados de maneira diferenciada em função de uma dada característica, que pode ser inata (como a raça, o gênero ou a idade) ou adquirida (como a renda ou o grau de escolaridade)”. A desigualdade “refere-se às disparidades no acesso a oportunidades e recursos, que são moldadas e elevadas por práticas discriminatórias. Essas disparidades não se limitam apenas à distribuição de renda, mas abrangem um conjunto de dimensões vitais como a educação, a saúde e o emprego”.

Isto posto, importa destacar que os processos históricos de estruturação social embasados em desigualdades foram naturalizados não tornando aparente os processos de discriminação. Contudo, a educação é muito importante para o ser humano em qualquer situação, seja mulher ou homem. Portanto, nesse artigo pretendo abordar algumas questões das políticas educacionais na Guiné-Bissau, e a desigualdade de gênero atrelado a ela. No meio dessa pesquisa encontramos alguns trabalhos de estudantes da Unilab, como o projeto da Estelita Dinis Gomes, intitulado “Políticas educacionais na Guiné -Bissau: a desigualdade e disparidade de gênero no sistema educativo guineense (2000-2010)”; o trabalho do professor Dr. Lourenço Ocuni Cá, que tem como título “A educação durante a colonização portuguesa na Guiné- Bissau (1471-1973)”; e de Nhiblo Pedro Barregol, que escreveu o artigo “Conceituando Gênero: desigualdade social entre homens e mulheres e participação das mulheres no ensino superior.

A intenção de compreender as desigualdades de gênero na educação guineense, decorre da minha própria história, sendo uma mulher guineense cuja minha vida toda estudei em escolas públicas. Durante esse período de estudo, vivenciei algumas situações que desrespeitam as meninas dentro e fora da sala de aula e no recreio ou nos recintos escolares, palavras que inferiorizam mulheres.

Sendo mulher e pesquisadora, estas condições tornaram uma inquietação para mim, e senti necessidade de levar esta discussão para o campo de estudo acadêmico e científico, motivo pelo qual decidi escrever este artigo que também é uma contribuição para o desenvolvimento e incentivo respeito do direito de igualdade para todos. Conhecer uma realidade é estar

habilitada para intervir nela, provocando ou incentivando seu avanço e desenvolvimento sociocultural e intelectual.

Por outro lado, a escolha desse tema justifica-se em entender quais são as políticas públicas relacionadas a questão do gênero na Guiné-Bissau, envolvendo possíveis fatores que afetam o modelo educacional, uma vez que a mulher não tem liberdade tanto na escola como em qualquer espaço social guineense. A igualdade nas tradições é colocar muitas mulheres em submissão, acredito que existem várias “lacunas” na questão que diz respeito a constituição aos direitos da mulher em Guiné-Bissau.

Este estudo, desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, é muito importante para a sociedade guineense, principalmente para as mulheres, na medida que não só vai ajudar nos conhecimentos sobre os direitos da igualdade de gênero, mas reflete sobre o lugar das mulheres em qualquer que seja o espaço. Podemos verificar que há falta de possibilidade em diferentes áreas, principalmente na educação, com relação a desigualdade de gênero. Assim, a pesquisa é de suma importância para refletir o sistema educacional guineense.

Por lado, este estudo ajudará nas posteriores pesquisas relacionadas a temática de implementação de políticas públicas e nos conhecimentos a respeito da igualdade de gênero na educação em Guiné-Bissau. E a possibilidade de entender que tanto o homem como a mulher pertencem aos mesmos lugares e tem direitos aos mesmos espaços sociais, especialmente na educação e as políticas públicas educacionais de qualidade.

Collins (2015), afirma que apesar de todos/as termos identidades variadas “ambas/e” (eu sou ambos: professora universitária e mãe – eu não paro de ser uma mãe quando deixo meu filho/a na escola, ou tampouco esqueço tudo que eu aprendi quando limpo uma privada, nós seguimos tentando classificar em termos de categorias excludentes, como ou/ou”. Refletindo sobre este trecho nos dá a perceber que a mulher não é apenas mulher, elas são muito mais do que a condição que a sociedade lhes impõe.

No desenvolvimento do trabalho será discutido alguns pontos como políticas educacionais na Guiné-Bissau, o sistema educacional guineense, pois a maior parte dos estudantes são os homens, as mulheres constituem a minoria. Também será apontada a questão de discriminação e desigualdade de gênero na Guiné-Bissau, as causas das evidências sobre a desigualdade de gênero, de que existem mulheres que são vulneráveis, que sofrem, ou seja, que são vítimas da violência inclusive no próprio processo de escolarização.

Em relação a estrutura do artigo ele está definido da seguinte forma: “Introdução”, em que se apresentam os objetivos, justificativa e metodologia, o segundo tópico “Desenvolvimento” que se subdivide em (2.1) Desigualdade e discriminação de gênero na Guiné-Bissau; (2.2) Análise dos fatores que afetam a questão de gênero na Guiné-Bissau; e, (2.3) Políticas Educacionais na Guiné-Bissau. Após as discussões teóricas apresentamos o terceiro tópico sobre a Metodologia, seguido do quarto tópico Resultados da Pesquisa e por fim as Considerações Finais.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 DESIGUALDADE E DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU**

No pensamento da Adriana da Silva Dias e Rosiléia Castro Pereira (2019, p. 01) “a desigualdade de gênero fundamenta-se em padrões culturais historicamente construídos, determinando espaço para homens e mulheres na sociedade. E que nesse sentido, ao nascermos, somos direcionados aos padrões de gênero vigentes na sociedade, criam-se expectativas de acordo com o sexo biológico. Essas concepções pertinentes à feminilidade (frágil, emotiva) e masculinidade (forte, racional), por exemplo, são naturalizadas e têm contribuído historicamente para a desigualdade entre homens e mulheres. Tal discrepância situa-se nos significados construídos socialmente a partir da diferença sexual”. A desigualdade de gênero pode ser entendida em diversas formas na sociedade como por exemplo:

A desigualdade, por outro lado, refere-se às disparidades no acesso a oportunidades e recursos, que são moldadas e elevadas por práticas discriminatórias. Essas disparidades não se limitam apenas à distribuição de renda, mas abrangem um conjunto de dimensões vitais como a educação, a saúde e o emprego. Importante notar é que a desigualdade pode surgir nos contextos em que a discriminação não é prontamente aparente, indicando que padrões de desigualdade podem ser perpetuados por estruturas históricas e políticas sem a necessidade de um preconceito ativo por parte dos indivíduos. (França e Nascimento 2024).

A literatura que traz as primeiras evidências sobre a desigualdade de gênero, de que existem mulheres que são vulneráveis, que sofrem, ou seja, que são vítimas da violência como por exemplo abuso sexual, e a violência doméstica dentre os vários tipos de violência, e as outras que são restritamente negadas, como o acesso à escola, foram tiradas as possibilidades de escolher o que querem da vida, e são obrigadas a prestar serviço doméstico

independentemente da sua idade. Segundo Joacine Katar Moreira (2017), aponta que para falar de gênero implica necessariamente uma reflexão sobre a violência, mas sobretudo o poder. Se as relações de gênero numa sociedade significam relações de poder, a violência consta muitas vezes como elemento agregador desse poder e isto afeta toda a estrutura social e política. Gênero, Violências e Poder costumam ser a tríade infalível nos Estudos de Gênero (2017,p.7).

De acordo com Silva, (2018, p. 8), “todavia, apesar da intensa participação no contexto anterior e posterior à independência, as mulheres foram relegadas a uma posição de subordinação e fragilidade, sobretudo na esfera política e nos postos de decisão”.

Observo que na Guiné-Bissau, a desigualdade é expressa por parte das mulheres de grandes cidades, mas também do interior do país, se encontram na mesma situação da violência física por não aceitarem aquilo que o familiar quer, e a sociedade guineense propõe os tipos de padrão onde as mulheres tem que ser uma pessoa submissa perante um homem, isso gera um grande problema para mulheres. Existe também outras formas de desigualdade de classe, tem mulheres que são desvalorizadas por conta do lugar onde se inserem, como diz Oyëwùmí, (2004, p. 5),

A mulher no centro da teoria feminista, a esposa, nunca fica fora do domicílio. Como um caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma. O problema não é que a conceituação feminista comece com a família, mas que ela nunca transcenda os estreitos limites da família nuclear. Consequentemente, sempre que mulher está presente, torna-se a esfera privada da subordinação das mulheres. Sua própria presença define-a como tal.

No pensamento de Estelita Denis Gomes (2021), a divisão entre o gênero feminino e masculino, é estabelecida culturalmente e o papel que cada um deve desempenhar em casa, na escola, e nos demais espaços. Há na sociedade guineense uma divisão de gênero no uso de cores, objetos e brincadeiras. Só meninos devem jogar bola, sair para brincar na rua em qualquer horário enquanto que as meninas devem ficar em casa ajudando a mãe a preparar comida, não sendo permitido a ela sair sem ter tido terminado os trabalhos domésticos, para o gênero feminino sempre tem horário para sair e voltar à casa. A questão de gênero sempre é usada para a divisão da sociedade, portanto, é bem visível a necessidade da igualdade de gênero nessa sociedade (Gomes, 2021, p. 21).

Com isso percebe-se, que a mulher, a sua perspectiva é ser esposa, e tanto na sociedade como na própria família a sua educação é diferenciada ao outro gênero que é

masculino, perante essa educação que a mulher se encontra de ser mãe e esposa isso mostra um certo impacto na sociedade e nas possibilidades de vida das mulheres.

Porque gênero é socialmente construído, a categoria social "mulher" não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? (Oyěwùmí, 2004, p. 3).

Chiziane, conforme Cremildo Bahule (2018) na perspectiva bantu, depois da criação do homem e da mulher, não houve maldição nem pecado original. Mas foi o homem que surgiu primeiro, ganhando, deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher. Isto significa que a difícil situação a mulher foi criada por Deus e aceite pelos homens no princípio do mundo.

Segundo Estelita Dinis Gomes (2021), “falta na Guiné- Bissau políticas públicas na educação voltadas à promoção da equidade de gênero, em sua maioria o governo não pensa em meios que amenizem as questões que afetam as meninas, o gênero feminino no processo de ensino e aprendizagem”. Para que aos poucos se mude a cultura inferior imposta as mulheres pela sociedade guineense, desenraizar o pensamento que o único lugar da mulher é cuidando do lar, que é de única e exclusiva reponsabilidade da mulher cuidar dos trabalhos domésticos e que ela não pode estar nos espaços de poder e desenvolver o seu potencial, como ainda afirma a autora supracitada.

Para Moreira (2017, p.6), que afirma que a violência se repete permanentemente, tanto no quadro das relações de gênero na sociedade guineense, onde se descortina uma sociedade com uma grande desigualdade, propensa a erupções de violência e a conflitos civis, assim como na instabilidade política, que é uma violência contra o Estado e contra os cidadãos. A instabilidade política peca por não permitir um avanço em termos da legislação e do cumprimento das leis do Estado, sendo geradora de mais situações de violência e impunidade dada à ineficácia do Estado.

Assim, as relações de gênero, marcadas pela desigualdade, as violências e a instabilidade política são simultaneamente causas e consequências da afirmação progressiva das masculinidades violentas na Guiné-Bissau e da sua institucionalização enquanto modelo para o exercício do poder político. Na soma desta trilogia, ou talvez no seu princípio, podemos apontar o Estado e o poder como os objetivos de toda esta dinâmica. (Moreira, 2017, p.6).

A desigualdade de gênero na educação dentro de um grupo de indivíduos, constrói significados sobre a vida social, individual, espiritual e cultural destes indivíduos. Por outro lado, pode-se fazer esta leitura como o homem, a figura masculina se coloca como Alfa, podendo decidir sobre si e sobre a mulher, tornando-a passiva e não para nisso, governar o seu próprio ser com limitações fundamentadas no dito comportamento dominador, onde quem é dominada é a mulher tornando-as submissas e totalmente normalizada vinculativamente sobre a mulher.

Para Dala Djop (2021. p.7) há muitas barreiras que as mulheres vêm enfrentando para afirmação dos seus direitos na sociedade guineense, mesmo tentando mostrar o quanto a desigualdade de gênero e a subalternização é um problema, dado que, dificulta a participação de maioria das mulheres nos espaços de tomada de decisões e no reconhecimento delas na luta pelo desenvolvimento do país. As barreiras são enormes e a maioria dos homens não consegue aceitar e reconhecer o quanto isso prejudica as mulheres a conquistarem a verdadeira igualdade de gênero na esfera pública.

Adriana da Silva Dias e Rosiléia Castro Pereira (2019, p.7), escrevem que a educação nesse sentido não deve ser reprodutora das desigualdades, mas, apesar da inserção mutuamente de homens e mulheres em determinados cursos ainda se encontram perspectivas que auxiliam na construção e naturalização de papéis ou representações que geram preconceito e discriminação. Embora há de se considerar os avanços obtidos nessa trajetória de poder e resistência e a inserção de mulheres em carreiras tidas como masculinas, mesmo que de forma ainda restrita, é uma forma de quebrar uma das inúmeras barreiras de gênero presentes na sociedade.

Os estudos que abordam sobre a questão de gênero são desafiados a darem conta das realidades e contextos complexos, fluidos e dinâmicos das características de gênero e dos próprios sujeitos que neles se inserem. A relação, ou seja, o comportamento do sexo masculino e feminino em vários grupos étnicos em Guiné-Bissau, são diferenciados e esses padrões e comportamentos são transmitidos de geração em geração através do ensino e das aprendizagens culturais.

De acordo com Silva e Martins (2024, p.5)

As relações entre homem e mulher, nas culturas africanas, são marcadas por uma diversidade de sistemas sociais, práticas e crenças que apresentam características distintas nas diferentes regiões e comunidades. No entanto, algumas características comuns podem ser identificadas, especialmente relacionadas à estrutura familiar, nos papéis exercidos pela mulher e pelo homem e como isso estrutura as dinâmicas de poder. A diversidade cultural no continente africano influencia as relações de gênero, e em algumas sociedades, as comunidades têm sua base na

matrilinearidade, ou seja, a descendência e a herança são transmitidas pela linhagem materna. As mulheres desempenham um papel central na continuidade da linhagem familiar e na organização social.

Para Djop (2021, p.8.)

existe outro fenômeno que prejudica as mulheres, que é a questão cultural, na Guiné-Bissau, com uma sociedade multiétnica baseada em religiosidades, algumas das quais vindas de um passado colonial, em que os comportamentos hegemônico-masculinos perpetuam na esfera pública; isso exige de nós pesquisadoras e pesquisadores uma reflexão heterogênea para compreender os comportamentos sociais que colocam ainda as mulheres na posição de subalternidade, em que todos esses fenômenos continuam mantendo e sustentando essa configuração social, cultural e estrutural que subalternizam as mulheres na sociedade guineense. Os costumes não se enquadram exclusivamente nos preceitos éticos e religiosos, mas também numa mistura da colonização europeia, que influencia muitos comportamentos; inúmeras mudanças e sequelas da colonização deixaram muitas transfigurações que fazem com que as mulheres guineenses sofram de várias formas.

Nesta ótica, se faz entender que o Estado não deve apenas assinar os acordos e ratificar as convenções que protegem as mulheres contra as violências e garantem mesmos direitos com os homens, mas criar mecanismos para garantir esses direitos na realidade em vez de ficar apenas no papel.

## 2.2 ANÁLISE DOS FATORES QUE AFETAM A QUESTÃO DE GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU

Na Guiné-Bissau, os direitos que protegem as mulheres da discriminação e das desigualdades não são suficientes para que elas possam ter igualdade de oportunidades. Ao procurar compreendermos que a desigualdade de gênero na Guiné-Bissau, concordamos com a perspectiva de Jesus, (2012, p. 9) que escreve

O fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero adequado. Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológicas, quando, na verdade, boa parte delas é influenciada pelo convívio social.

Segundo Silva (2019, p. 11), “o importante é ter uma legislação que vai defender a mulher no sentido de diminuir os abusos, isto é, dependerá de uma mudança de consciência dentro da sociedade guineense, educar neste caso, é criar condições que vão possibilitar uma existência real da igualdade”. Esta afirmação traz o entendimento que não vale a lei sem a mudança da

mentalidade, o que indica que as leis não devem apenas ficar só no papel, mas integra-las na consciência social, que pode ser feito através de sensibilização e educação no seio das famílias.

Embora seja bem conhecida a superioridade masculina na sociedade guineense, porém, a inversão dessa realidade parece estar longe de acontecer por ser uma questão que está interligada a diversos fatores, como ainda defende Silva (2019). A diversidade de fatores que impossibilitam o respeito da lei e da efetivação de comportamentos que favorecem a igualdade de gênero devem ser encarados de forma a radicar diversas formas de violências que acontecem na sociedade. Pois, a mudança de mentalidade deve ser fator central, para a eliminação dos comportamentos violentos a sociedade guineense.

No que se refere a educação para Cá (2000), com relação à educação, não havia pessoas que ensinassem na sociedade africana tradicional, um ensino formalizado como na sociedade ocidental, nem lugar privilegiado para a transmissão do conhecimento. A forma de educar baseava-se no exemplo do comportamento e do trabalho de cada aprendiz. Cada adulto era, de certa forma, um professor. A educação não se separava em campo e especialização de atividades humanas. Ninguém se educava apenas por um determinado período, aprendia-se com a vida e com os conhecimentos ao longo do tempo (Cá, 2000, p.4).

Segundo Djaló (2009, p.24),

Quanto à conceituação de educação e sua situação num contexto social, existem, em quase todos os autores, concordância nos seguintes pontos: A educação sempre expressa uma doutrina pedagógica, a qual, implícita ou explicitamente, baseia-se em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade. Numa realidade social concreta, o processo educacional se dá através de instituições específicas (família, igreja, escola, comunidade) que se tornam porta-vozes de uma determinada doutrina pedagógica. Esta posição foi primeiramente sintetizada por Émile Durkheim, que não especifica os conteúdos educacionais, mas parte do conceito de homem egoísta, que precisa ser moldado para a vida societária.

No pensamento da Djop (2021), os homens continuam a ocupar os lugares de prestígio social, isso colabora para o alto índice da desigualdade de gênero na esfera pública. Muitas mulheres trabalham na área informal, como já foi apontado, e nos ambientes domésticos, são elas que cuidam dos filhos, dos maridos e dos familiares, as suas jornadas são ininterruptas, não conseguem tempo suficiente para os estudos e a capacitação a fim de terem o mesmo nível de formação que os homens para poderem ter acesso a lugares de decisão. Esses fatores contribuem para a desigualdade social e diversas formas de violência contra as mulheres.

## 2.3 POLÍTICAS EDUCACIONAIS NA GUINÉ-BISSAU

De acordo com Rodrigues (2024), o país executou, nos últimos anos, vários programas e projetos em educação com o intuito de alfabetização dos jovens e adultos, e ampliação de acesso e permanência das mulheres em educação, pois esse grupo de indivíduos não possui oportunidade de acesso à educação em idade regular por serem obrigadas a fazer atividades domésticas ou por habitar zonas onde ainda não existem escolas formais, as zonas rurais.

As políticas públicas em Educação foram desenvolvidas com o propósito de resolver os problemas reais que afetam a sociedade guineense. Isso parte de um enorme esforço que a comunidade internacional, ONGs e a sociedade civil organizada vêm fazendo através de financiamento de programas e projetos que atendem as demandas da sociedade em geral. Todos esses programas foram financiados pelas comunidades internacionais, principalmente Unesco, PNUD, Banco Mundial e Unicef, as quais têm feitos acordos bilaterais com o governo guineense para implementação das políticas públicas de melhoria de qualidade do ensino, treinamento de recursos humanos, construção das infraestruturas e formação e pagamento de salários dos professores guineenses. (Rodrigues 2024, p.3,4).

No sistema educacional guineense, a maior parte dos estudantes são os homens, as mulheres constituem a minoria. Com isso, a maior parte delas, são identificadas ou relacionadas com a questão da violência física, sexual, moral ou psicológica, assim também como a gravidez precoce, que acabam por influenciar na desistência nos estudos. O conjunto dessas situações associados com julgamentos ainda com algumas pela decisão familiar, acabam desistindo dos estudos criando um número elevado de evasão escolar de meninas. Esta realidade acontece tanto nas escolas do ensino básico (ensino fundamental,) assim como no ensino médio e no ensino superior que as vezes nas universidades não são permitidas meninas grávidas a estudarem, mesmo sendo elas capazes. Silva e Martins (2024, p.11), afirmam que,

As desigualdades no acesso à educação incidem bruscamente sobre a taxa de escolarização das meninas. Adentrando a realidade atual, de acordo com dados do Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau (MENGB, 2021), apenas 75% das mulheres guineenses têm acesso à educação, e dessas, 48% concluíram o ensino básico. Os dados apresentados nos levam a buscar entender as barreiras sociais, culturais e econômicas que impedem um contingente significativo de meninas de acessarem e concluírem o ensino básico no país. Os fatores determinantes estão relacionados aos impactos do machismo estrutural, ao casamento precoce e a outros aspectos culturais.

Para Semedo (2005), o direito à educação é considerado um dos direitos fundamentais da pessoa humana e conseqüentemente um dos direitos da criança. Mas as dificuldades de gestão de um sistema do ensino sem recurso dão mostras de que não basta a boa vontade e a declaração da educação com um direito. É necessário ir para além da vontade e das boas intenções (Semedo, 2005, p. 3). Para mesma autora, é de externa importância realçar aspectos estratégicos como o aumento do acesso a escolaridade básica; a modernização e reestruturação do sistema educativo e o reforço da capacidade de gestão de recursos financeiros e humanos (Semedo,2005. p,5).

Portanto, dizem para as mulheres que os filhos vão atrapalhar os seus estudos, embora algumas mulheres desistem, outras continuam com os seus estudos. As dificuldades em relação à situação que a mulher enfrenta em qualquer lugar são dificuldades presentes na vida das mulheres, as sociedades criam limitações ou barreiras assim as mulheres são inferiorizadas perante uma situação a ser enfrentada. De acordo com Dove, (1998, p.8),

maternidade, portanto, descreve a natureza das responsabilidades comunitárias envolvidas na criação dos filhos e no cuidar dos outros. No entanto, embora o papel da mulher e dos cuidados maternos no processo de reprodução sejam fundamentais para a continuação de qualquer sociedade e cultura, em uma sociedade patriarcal, este papel não é atribuído com o valor que ele traz em uma sociedade matriarcal.

A implementação de políticas públicas viáveis e assentes nas questões de gênero na Guiné-Bissau, é a única possibilidade de entender que tanto o homem quanto a mulher, pertencem aos mesmos lugares, especialmente na educação de qualidade. Os problemas não estão só na falta de políticas públicas que abrangem os homens e mulheres, existem muitos problemas no seio familiar que dificultam a emancipação da mulher no seu lar e na sociedade.

As mulheres podem ocupar muitos lugares, assim também como a educação é um dos espaços que pertence a mulher. Entretanto, é muito importante refletir sobre o currículo ou sistema educacional guineense, e compreender com isso, os motivos das desigualdades no currículo escolar na Guiné-Bissau.

Quais são o impacto que a mulher enfrenta na vida? A falta do gênero feminina nas escolas mostra que sempre o discurso sobre o lugar da mulher é na casa para cuidar dos maridos ou filhos, e isso influencia também no pensamento das mulheres que são inferiores aos homens. Diz que Pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria "mulher" e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural, como nos ensina Oyěwùmí (2004).

A escola também é um lugar de violência para com as meninas e mulheres. Assim, é muito importante a implementação de leis nas escolas ou universidades que permitam proteção as mulheres que sofrem violência cometida pelos professores, estudantes e demais agentes e sujeitos da educação, como por exemplo, a violência ou assédio moral e sexual durante o tempo dos seus estudos, uma política que visa fechar essas “lacunas” que diz respeito a Constituição e aos direitos da mulher na Guiné-Bissau.

Para França e Nascimento (2024) as desigualdades e as discriminações exigem uma compreensão detalhada de suas formas e manifestações. Políticas e intervenções devem ser cuidadosamente projetadas para desmontar as estruturas discriminatórias existentes e promover a igualdade de oportunidades. Isso pode incluir desde a implementação de leis rigorosas contra a discriminação até a promoção de políticas de inclusão em educação e emprego. A educação desempenha um papel fundamental nesse processo, não apenas formalmente nas escolas, mas também através da conscientização pública sobre as raízes e os efeitos da discriminação e da desigualdade.

Como disse Moreira (2017, p.9),

se o feminismo consiste na procura de justiça nas relações de género, é natural que as reivindicações feministas tenham tido como principal alvo o Estado, na medida em que este tende a ser o detentor da justiça e seus instrumentos, e uma entidade fundamental para a mudança sociocultural. Contudo, se o Estado foi entendido como sendo um aliado potentíssimo dos movimentos feministas, isto foi possível pela consciência de que é também o Estado, o maior perpetuador das desigualdades nas relações de género e o protótipo do patriarcado.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (2009), no que trata sobre o ensino superior e da investigação científica na relação com o princípio da igualdade, compete ao Estado assegurar a todos os cidadãos, plena igualdade de oportunidade no acesso e frequência do ensino superior, sem discriminação de crença religiosa, ideologia política, capacidade económica, sexo, idade ou outra.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia é uma categoria fundamental, não apenas na transmissão do conhecimento, mas também na sua produção e principalmente na pesquisa científica. Com base nisso, é considerando que o foco da pesquisa é a desigualdade existente e produzida todos os dias contra a mulher em relação a educação, e as questões que envolve o conjunto de percepções socioculturais sobre o mundo e suas diferenças.

A pesquisa tem como fonte de pesquisa referencias bibliográficos e documentais. Zambello escreve sobre pesquisas qualitativas: “É um método bastante eficiente quando se procura compreender a dinâmica de grupos sociais e precisa-se de informações qualitativas para poder proceder à análise e interpretação destas informações” tendo como objetivo “[...] esclarecer aspectos levantados pela questão de pesquisa e, eventualmente, pelas hipóteses previamente estabelecidas” (Zambello *et al*, 2018, p. 57).

Considerando que o foco da pesquisa é a desigualdade de gênero contra mulheres no sistema educacional guineense, os referenciais bibliográficos foram escolhidos sobretudo de autores e autoras guineenses e documentos advindo de setores como do Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE) entre outros e relatórios da Unicef. Os dados alcançados da pesquisa se referem há um processo recente a partir dos anos 2000 até a presente data. Nesse sentido, é importante destacar que cada tema da pesquisa carrega a sua particularidade e não se pode definir regras gerais e universais para todas as pesquisas.

#### 4 RESULTADOS DA PESQUISA

Durante a pesquisa da revisão bibliográfica alguns dados do ensino e desigualdade de gênero em Guiné-Bissau, são encontradas em alguns trabalhos científico por exemplo, o trabalho do Belmiro e Carlos, que pesquisaram os números dos alunos do sexo masculino e feminino que frequentavam a escola nos dois últimos anos letivos, os anos de 2020-2021 e de 2021-2022. Encontramos também a pesquisa Sucuma que mostra a evolução da população estudantil dos anos letivos 2006 á 2009, e por outro lado há dados de anos letivos de 2020 a 2022. Como documento, no artigo 2<sup>a</sup> de lei do ensino superior em 2009, destaca-se a posição do Estado com relação de estabelecer a igualdade de gênero no ensino educacional em Guiné-Bissau.

Sucuma fez uma análise da evolução da população estudantil universitária, percebe-se os quantitativos números dos alunos nos anos atrás, a relação do sexo masculino e feminino que são diferentes aos tempos atuais marcando uma evolução na inclusão de gênero. Segue dados no quadro 1 que são encontrados por Sucuma e que mostra os números quantitativos dos alunos. (Sucuma, 2013; p.81).

**QUADRO 1 – Evolução da população estudantil**

Ano letivo	Masculino	Percentual	Feminino	Percentual	Total
2006-2007	391	62,4	236	37,6	627
2007-2008	441	65,1	236	34,9	677
2008-2009	481	58,5	341	41,5	822

Fonte: Arquivo da UAC e ULG. Bissau, 26 de abril de 2012.

Segundo Sucuma (2013, p.82), os dados apresentados neste quadro demonstram a evolução progressiva de ingresso de jovens guineenses à procura de formação superior na Universidade Amilcar Cabral. No que toca a entrada da população feminina na universidade, o quadro acima nos permite afirmar que houve uma adesão crescente de mulheres na universidade. Apesar deste fato, a maioria de estudantes continua sendo do sexo masculino. Esta realidade precisa ser equilibrada, permitindo que as mulheres tenham uma participação aproximada ou equivalente ao número dos homens que ingressam nas universidades. Para que isso torne uma realidade é necessária a intervenção do governo através de programa de incentivo escolar para as mulheres nas universidades, assim como as organizações da sociedade civil organizada precisam desenvolver ações comunitárias junto as famílias guineenses que ainda resistem em ver mulheres frequentando escolas de formação, com a finalidade de promover a participação feminina nas instituições do ensino superior.

De acordo com Belmiro e Carlos (2020, p.31)

Nesse sentido, no inquérito aplicado às instituições de ensino superior, foram solicitadas informações acerca do número de alunos que frequentavam a instituição nos 2 últimos anos letivos, os anos de 2020-2021 de 2021-2022. Relativamente ao

ano letivo de 2020-2021 houve 5 instituições com ano nulo, pelo que os dados recolhidos dizem respeito, apenas, a 26 das 31 instituições; para o ano 2021-2022, obtiveram-se os dados de todas as instituições sendo possível afirmar que no presente ano letivo estão a frequentar o ensino superior 17025 estudantes.

Como podemos ver no quadro abaixo o quantitativo de estudantes matriculados no ensino superior nos anos entre 2020 e 2023.

**QUADRO II - Número de alunos matriculados no ensino superior, 2020-2022.**

Ano letivo	Masculino	Percentual	Feminino	Percentual	Total
2020-2021	7157	55,11%	5870	44,89%	12985
2021-2022	10117	59,42%	6908	40,58%	17025

Fonte: Inquérito às instituições de ensino superior.

Os autores apontam que os dados no primeiro quadro, nos permitem verificar que o número de matrículas no ensino superior em 2021/2022 já ultrapassa largamente as 15000 previstas para 2025 evidenciando um considerável dinamismo da procura guineense de ensino superior. Aliás, a taxa de crescimento nos dois últimos anos letivos foi de 31% aproximadamente. (Belmiro e Carlos; 2020-2021).

Os dados do Quadro 5 permitem verificar que o número de matrículas no ensino superior em 2021/2022 já ultrapassa largamente as 15000 previstas para 2025 evidenciando um considerável dinamismo da procura guineense de ensino superior. Aliás, a taxa de crescimento nos dois últimos anos letivos foi de 31% aproximadamente. Todavia, o crescimento das matrículas não é homogéneo em termos sexuais. De facto, enquanto a taxa de crescimento do número de jovens do sexo masculino cresceu, de 2020-2021 para 2021-2022, 41,4%, o valor homólogo para as jovens ficou-se nos 17,7% (Belmiro; Carlos, 2020-2021, p.31).

Com base os dados apontados acima, podemos perceber o número quantitativos do estudante masculino e feminina no ensino superior, e o quanto aumentou os números de

estudantes masculino e quanto diminui a taxa de matrícula feminina. Segundo Belmiro e Carlos (2020-2021) “taxa de crescimento do número de jovens do sexo masculino cresceu, de 2020-2021 para 2021-2022, 41,4%, o valor homólogo para as jovens ficou-se nos 17,7%”.

**Quadro III** - Estrutura sexual dos estudantes do ensino superior.

ANO LETIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
2020-2021	55,1	44,9	100,0
2021-2022	59,4	40,6	100,0

Fonte: Inquérito às instituições de ensino superior.

Os autores apontam como a “estrutura sexual dos estudantes do ensino superior relativamente desequilibrada e que a situação se agravou entre 2020 e 2022, com a percentagem de jovens do sexo masculino matriculados no ensino superior a aumentar. E que os números evidenciam a necessidade de medidas de políticas educativas que favoreçam a procura de ensino superior por parte dos indivíduos do sexo feminino. Com tudo isso, os dados apresentados acima mostram que se o estado pensar numa educação inclusiva para todos os gêneros, ajudaria no desenvolvimento de todos seja masculino como também feminino na Guiné-Bissau.

Silva e Martins (2024), analisaram os dados oficiais do governo guineense, e é possível identificar que os números de não alfabetizados é mais elevado entre as mulheres. O dado do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2019) aponta que 59,9% da população é alfabetizada, sendo que, dentro deste contingente, 71,8% são homens e apenas 48,3% são mulheres.

De acordo com análise feita pelo UNICEF 2021, o perfil das crianças que não concluíram os seus estudos em diferentes região e etnias em Guiné-Bissau, “existem mais

meninas que meninos a não concluírem os vários níveis de ensino entre o básico e o secundário. Comparativamente a zona de residência, existem mais crianças de zona rural a não concluírem. No caso do 1º e 2º ciclo do ensino básico, sete em cada dez criança que não o concluíram residem na zona rural. Em termos de nível económico, crianças que vivem nos quintis mais pobres são a maioria entre as crianças que não concluem. As crianças das etnias Fula, Balanta e mandinga estão entre as que tem maior probabilidade de não concluir cada nível de educação. (UNICEF, 2021; p.10). Podemos verificar na Tabela I.

**Tabela I - Taxa de conclusão e número de criança que não concluíram**

		Taxa de conclusão (%)			Número de criança que não concluíram		
		Básico	Secundário 1º ciclo	Secundário 2º ciclo	Básico	Secundário 1º ciclo	Secundário 2º ciclo
TOTAL		27	17	11	93000	98000	97000
Sexo	Masculino	29	18	14	47000	45000	45000
	Feminino	25	16	8	46000	53000	52000
Área	Urbano	47	31	19	26000	35000	40 000
	Rural	14	7	4	67000	62000	57 000

Fonte: UNICEF, Guiné-Bissau, 2021.

De acordo com a pesquisa do Rodrigues (2024, p.2), que trouxe alguns dados de desigualdade de gênero ao acesso escolar, para fazer uma avaliação da taxa líquida de escolaridade por município, “sexo e índice de paridade na faixa etária de 15 a 24 anos (dados dos anos letivos de 2013 a 2016) é de 65% para os homens e de 35% para as mulheres (Guiné-Bissau, 2016, p.39). isso mostra que, apesar de a Guiné-Bissau ter melhorando seus índices de alfabetização nas décadas após a descolonização, a frequência escolar nas zonas rurais continua muito fraca em relação as zonas urbanas, inclusive para as meninas regiões do leste do país, como demonstra a Tabela II.

**Tabela II - Taxa bruta de escolarização primária por gênero e por região.**

Regiões	2013		2016	
	M	F	M	F
SAB	130	98	110	88
BAFATÁ	57	39	100	90
BIOMBO	169	133	174	160
BOLAMA	144	120	115	99

CACHEU	138	100	147	125
OIO	94	55	114	74
GABÚ	72	53	99	89
TOMBALI	109	64	130	119
QUINARÁ	14	116	127	99

Fonte: Guiné-Bissau, 2016.

Como podem verificar o nível de desigualdade de gênero no sistema educacional em Guiné-Bissau, um país que precisa estabelecer políticas pública educacionais para todos e garantir a igualdade e os direito para que todos tenham acesso à educação. Os resultados encontrados durante a pesquisa, nos permitem enxergar que existe maior número de estudantes do sexo masculino enquanto que o público feminino continua em desigualdade de acesso e permanência.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este texto apresenta uma análise dos aspectos das desigualdades de gênero entre homens e mulheres e as diferenças entre esses no ensino superior na Guiné-Bissau. Foram abordados os conceitos de discriminação e desigualdade para compreender a diferenciação entre eles e como a discriminação e a desigualdade reforçam dinâmicas culturais e estruturas sociais de gênero. Consideramos por fim que as condições que as mulheres guineenses se encontram, apesar do aumento da presença feminina no sistema educacional, reforça diversos fatores que continuam produzindo a desigualdade de gênero no ambiente escolar e assim no ensino superior.

Entendemos também que conhecer uma realidade é estar habilitada para intervir nela, provocando ou incentivando o seu avanço e desenvolvimento sociocultural. Com base nisso, e considerando a desigualdade contra mulheres na educação, essa pesquisa teve como intenção se somar aos trabalhos que denunciam tais discriminações e desigualdades para que sejam promovidas transformações nessa realidade. Ao compreendermos também as diferenças conceituais entre discriminação e desigualdades, percebemos que discriminar e produzir ou não propor mecanismos de superação das desigualdades são questões que se complementam.

Se faz urgente a construção de políticas públicas para todas as pessoas terem acesso à educação de qualidade. Que torne possível para toda a sociedade guineense o acesso e a permanência nos sistemas de ensino, compreendendo as especificidades das meninas e mulheres para a mudança das desigualdades. Não somente pelas mulheres dos centros e das cidades, mais sim para todas, tanto do interior como também da cidade, assim ajudara na

construção de conhecimento sobre uma situação que afeta ou impacta a relação das mulheres com a questão do gênero e que limita as possibilidades de escolha de vida. Assim, conclui-se que se o estado guineense enfrenta desafios na educação, que ele possa garantir o direito e incentivar as mulheres a permanecerem nas escolas, construindo políticas da inclusão de gênero no sistema educacionais.

## REFERÊNCIAS

BAHULE, Cremildo. “Não Basta Ser Mulher Para Ser Justa”: Resistência À Marginalização De Paulina Chiziane Fora Do Registo Ficcional. CADERNOS CERU, série 2, vol. 29, n. 1, julho de 2018.

disponível em: <https://revistas.usp.br/ceru/article/view/148856/146192>

CÁ Lourenço ocuni. **A educação durante a colonização portuguesa na Guiné- Bissau (1471-1973)**. Empfohlene Zitierung / Suggested Citation: Cá, L. O. (2000). A educação durante a colonização Temática Digital, 2(1).

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/561>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez editora, 2018. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf)

[1/2SF/Claudio/5Pesquisas\\_em\\_Ciencias\\_Humanas\\_Sociais.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf)

COLLINS, Patricia Hill . **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão**”. Moreno, Renata (org.) **Reflexões e Práticas de Transformação Feminista**, São Paulo: SOF, p.13-42. (2015). Disponível em: <https://www.sof.org.br/wpcontent/uploads/2016/01/reflex%C3%B5esepraticasdetransforma%C3%A7%C3%A3ofeminista-1.pdf>

DIAS, Adriana da Silva e PEREIRA, Rosiléia Castro. **Desigualdade de gênero no ensino superior: um olhar sob a perspectiva das carreiras profissionais**. ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO - CRSG, Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 dezembro, 2019.

Disponível em:

<http://www.crsrg.periodikos.com.br/article/5e07ba0b0e8825d051e4a68b/pdf/crsrg-1-1-1.pdf>

DIOP, Dala, “**Desigualdade de Gênero na Guiné-Bissau: um Estudo sobre a Implementação da Lei de Paridade e o Desafio da Participação das Mulheres Guineenses da Esfera Pública**” Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Biblioteca, Redenção, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2969>

DJALÓ, Mamadú; **A Interferência Do Banco Mundial Na Guiné-Bissau: A Dimensão Da Educação Básica – 1980-2005.** DISSERTAÇÃO Florianópolis, (sc), março de 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92590>

DJATA, Bininba, **Desigualdade de gênero na política da Guiné-Bissau: um estudo a partir das narrativas das mulheres / – 2023.** 103 f. disponível em: <http://repositorio.ufpi.br:8080/bitstream/handle/123456789/3667/DESIGUALDADE%20DE%20G%20C3%8ANERO%20NA%20POL%20C3%8DTICA%20DA%20GUIN%20C3%89-BISSAU..pdf?sequence=1>

DOVE, Nah. **Mulherisma Africana<sup>1</sup> Uma Teoria Afrocêntrica.** Jornal de estudos. de 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/nah\\_dove\\_mulherisma\\_africana\\_uma\\_teor\\_ia\\_afroc%C3%AAntrica%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/nah_dove_mulherisma_africana_uma_teor_ia_afroc%C3%AAntrica%20(2).pdf)

GOMES, Estelita Dinis. **Políticas educacionais na Guiné-Bissau: a desigualdade e disparidade de gênero no sistema educativo guineense (2000-2010).** Projeto de pesquisa na Universidade do Estado de Ceara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2683>

Guiné-Bissau, **Relatório UNICEF 2021** disponível em: Web: [www.unicef.org/guineabissau](http://www.unicef.org/guineabissau)  
INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU (INE). **Terceiro recenseamento geral da população e habitação de 2009.** Disponível em: [https://statguinebissau.com/Menu\\_principal/IV\\_RGPH/rgph1/estado\\_estrutura\\_pop.pdf](https://statguinebissau.com/Menu_principal/IV_RGPH/rgph1/estado_estrutura_pop.pdf)

JAITE, Aminata Arcadia Vaz. **Os entraves à educação das meninas na região de Bafatá Guiné-Bissau-** São Francisco do Conde 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2303>

Jesus, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos /** Brasília, 2012. 42p.: il. (algumas color.)

OYËWUMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** Volume 1, Dakar, CODESRIA,

2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes. 2023. disponível em: [https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_conceitualizando\\_o\\_g%C3%AAnero\\_os\\_fundamentos\\_euroc%C3%AAntrico\\_dos\\_conceitos\\_feministas\\_e\\_o\\_desafio\\_das\\_epistemologias\\_africanas.pdf](https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_conceitualizando_o_g%C3%AAnero_os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf)

RODRIGUES, Faustino Manuel. **Desigualdade de acesso escolar e avaliação de políticas públicas educacionais na Guiné-Bissau: desafios e avanços.** Revista educação pública, Rio de Janeiro, v.24, nº 12,9 de abril de 2024.

disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/12/desigualdade-de-acesso-escolar-e-avaliacao-de-politicas-publicas-educacionais-na-guine-bissau-desafios-e-avancos>

SILVA, Epifânia Aristides Arlete da. **Desigualdades de gênero na Guiné-Bissau: mulheres na representação política.** Projeto de pesquisa na Universidade do Estado da Bahia, São Francisco do Conde, 2019. <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1436>

SILVA, Marcelo; Martins Francini Scheid, **Gênero e educação na Guiné-Bissau: marcas do colonialismo.** Revista diversidade e educação, V.12, n.2, disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/18163/11528>

SILVA, Tatiana Raquel Reis, **Lutas e formas de organização feminina em África: considerações sobre Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde.**

disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v22nEp969-986>

SUCUMA, Arnaldo. **Estado e ensino superior na Guiné-Bissau 1974-2008** /O autor, 2013. 115 f.il.; 30 cm. disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12451>

ZAMBELLO, Aline Vanessa; SOARES, Alessandra Guimarães; TAUIL, Carlos Eduardo; DONZELLI, Cleivaldo Aparecido; FONTANA, Felipe; CHOTOLLI, Wesley Piante. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** (Org.): Thiago Mazucato. Penápolis: FUNEPE, 2018. disponível em:

[https://www.google.com/search?q=ZAMBELLO%2C+Aline+Vanessa%3B+SOARES%2C+Alessandra+Guimar%C3%A3es%3B+TAUIL%2C+Carlos+Eduardo%3B+DONZELLI%2C+Cleivaldo+Aparecido%3B+FONTANA%2C+Felipe%3B+CHOTOLLI%2C+Wesley+Pianta+.+Metodologia+da+pesquisa+e+do+trabalho+cient%C3%ADfico.+\(Org.\)%3A+Thiago+Mazucato.+Pen%C3%A1polis%3A+FUNEPE%2C+2018&oq=ZAMBELLO%2C+Aline+Vanessa%3B+SOARES%2C+Alessandra+Guimar%C3%A3es%3B+TAUIL%2C+Carlos+Eduardo%3B+DONZELLI%2C+Cleivaldo+Aparecido%3B+FONTANA%2C+Felipe%3B+CHOTOLLI%2C+Wesley+Pianta.](https://www.google.com/search?q=ZAMBELLO%2C+Aline+Vanessa%3B+SOARES%2C+Alessandra+Guimar%C3%A3es%3B+TAUIL%2C+Carlos+Eduardo%3B+DONZELLI%2C+Cleivaldo+Aparecido%3B+FONTANA%2C+Felipe%3B+CHOTOLLI%2C+Wesley+Pianta+.+Metodologia+da+pesquisa+e+do+trabalho+cient%C3%ADfico.+(Org.)%3A+Thiago+Mazucato.+Pen%C3%A1polis%3A+FUNEPE%2C+2018&oq=ZAMBELLO%2C+Aline+Vanessa%3B+SOARES%2C+Alessandra+Guimar%C3%A3es%3B+TAUIL%2C+Carlos+Eduardo%3B+DONZELLI%2C+Cleivaldo+Aparecido%3B+FONTANA%2C+Felipe%3B+CHOTOLLI%2C+Wesley+Pianta.)